Evangelizarte

Reflexões sobre o uso da arte na evangelização Infanto-juvenil.

Elizabeth Duarte Cavalcante <elizabethdcavalcante@gmail.com.br>

Fundação Allan Kardec – FAK

Resumo – Este artigo é uma reflexão em torno da possibilidade de se realizar uma aula de evangelização espírita, apenas com recursos artísticos, sem prejuízo do conteúdo científico, filosófico e religioso a ser transmitido, ativando um processo dinâmico de aprendizado mais condizente com as potências da alma imortal. O método utilizado foi a revisão de literatura, a partir de obras físicas, artigos e *e-books* que construíram os fundamentos teóricos da hipótese, seguindo uma ordem mais ou menos cronológica. As aferições apontam para o fato de que a arte, sim, é didaticamente afeita ao processo natural de aprendizado do Espírito e indicam a necessidade de testar a hipótese.

Palavras-chave – Evangelização 1. Arte 2. Aprendizado 3.

Submetido em 16/10/2023

Aprovado em 12/06/2025

1 INTRODUÇÃO

Evangelizar utilizando recursos artísticos não é nenhuma novidade no movimento espírita brasileiro. Há muito se reconhece o valor das apresentações artísticas na preparação para uma prece, no *start* para a elucidação de um tema doutrinário, na conclusão de uma reflexão importante.

As Confraternizações das Mocidades Espíritas, ao longo dos anos, tornaram-se o celeiro de produções artísticas que uniram pessoas em grupos de música, de dança, de teatro, que, por sua vez, fomentaram no Movimento Espírita Nacional talentos artísticos ímpares, com produções que se estenderam para além dos muros das Casas Espíritas, chegando aos teatros, à televisão e até ao cinema nacional, divulgando a Doutrina Espírita pelo viés das emoções humanas.

A propositura desta reflexão, contudo, está mais afeita à Pedagogia enquanto ciência da educação agregadora de métodos que asseguram a assimilação dos indivíduos em torno de um corpo instrucional. Todavia, a pesquisa aqui realizada não foi realizada por uma pedagoga, mas sim por uma comunicadora social, mestre em sociedade e cultura na Amazônia, evangelizadora e artista espírita.

Há implicações neste fato que devem ser consideradas como, por exemplo, o fato de que toda a revisão de literatura realizada, parte de um escopo de produção intelectual voltada ao interior do Movimento Espírita, ou seja, a pesquisa foi realizada em obras espíritas, psicografadas e, em sua maioria, não psicografadas, com a finalidade de não entrarmos em um lugar de referência que não é o nosso. As referências às ciências humanas em si mesmas, são consideradas a partir das reflexões realizadas pelos autores espíritas consultados.

Outra consideração é a de que os livros mais atuais foram fruto do trabalho de artistas e evangelizadores, independente de suas formações. Têm-se, assim, obras escritas por pedagogos espíritas, jornalistas, trabalhadores diversos, o que leva a uma pluralidade de visão muito comum no Movimento Espírita, mas que consegue preservar uma dialética considerável com os princípios básicos da doutrina.

2 A PROPOSTA PEDAGÓGICA DA FEB

Uma vez que se tem a intenção de gerar um alinhamento desta reflexão a partir de uma abordagem pedagógica pré-existente, adotada no Movimento Espírita Nacional, é necessário que se conheçam as linhas gerais da Orientação para a Ação 4 da Federação Espírita Brasileira [1]. Este documento básico traz subsídios e diretrizes para as Escolas de Evangelização de todo o país, e foi organizado pela equipe da Área Nacional de Infância e Juventude do Conselho Federativo Nacional da FEB. Tomando por base o Currículo para as Escolas de Evangelização Espírita Infante-Juvenil [2], o documento considera os seguintes objetivos a serem alcançados nas reuniões da Evangelização Espírita:

- Proporcionar o estudo e a vivência da doutrina espírita em seu tríplice aspecto e dos ensinamentos morais do Evangelho de Jesus, visando à sua aplicação à vida diária e à formação de pessoas de bem;
- Promover e estimular a integração do jovem “consigo mesmo, com o próximo e com Deus”, bem como no conjunto de atividades do Centro e do Movimento Espírita;
- Oferecer ao jovem “a oportunidade de perceber-se como homem integral, crítico, consciente, participativo, herdeiro de si mesmo, cidadão do universo, agente de transformação de seu meio, rumo à toda perfeição de que é suscetível.”

Com vistas a atender tais objetivos, a FEB orienta um trabalho baseado em três Eixos Estruturantes [1] que representam os pilares filosóficos da evangelização:

- a) Conhecimento doutrinário (fé raciocinada);
- b) Aprimoramento moral (vivência do amor),
- c) Transformação social (trabalho no bem).

Note-se que os eixos partem de uma concepção do evangelizando, primeiro como Espírito Imortal, tal qual muito bem resume Pedro Franco Barbosa, no Estudo Aprofundado do Espiritismo – Tomo 9 da FEB [3]: “*O Espírito, essência divina, imortal, é o princípio intelectual, imaterial, individualizado, que sobrevive à desagregação da matéria. É dotado de razão, consciência, livre-arbítrio e responsabilidade.*”

Considerar o Espírito sob tal perspectiva, é o primeiro passo para o desenvolvimento de qualquer processo de ensino em que se deseje alcançar uma aprendizagem profunda e significativa, tanto no sentido da realização íntima – a felicidade – quanto no que tange aos seus resultados e impactos no mundo material.

A decorrência imediata da aplicação do primeiro e do segundo eixos como abordagens da ação evangelizadora é o estudo do Espiritismo, mas não aquele estudo dirigido apenas pela palavra de referência do evangelizador, e sim o estudo decorrente da escuta atenta das necessidades do evangelizando, de seus pensamentos e sentimentos, a fim de que possa, a partir do conteúdo científico, filosófico e religioso da doutrina, refletir acerca da melhoria de suas relações, principalmente as familiares, bem como a relação consigo mesmo e com Deus.

Em se tratando do terceiro eixo – o jovem e seu protagonismo como trabalhador do bem –, a metodologia da ação evangelizadora juvenil volve o olhar para as possibilidades de desenvolvimento integral a partir da prática do bem, supervisionados pelos evangelizadores-educadores, no âmbito da Casa Espírita, do Movimento Espírita e também da sociedade.

Resta saber se essa propositura metodológica dialoga com a proposta de utilização da arte como recurso primordial para o alcance dos objetivos da evangelização e de seus eixos estruturantes.

2.1 A GERAÇÃO NOVA

Como sensibilizar para a prática do bem, com os recursos do Espiritismo, uma geração cuja característica é o consumo da informação rápida e abundante, descartável, autodenominada *the fast thinkers* (os pensadores rápidos) [4], cuja apreciação de tudo e todos quase sempre é fugaz, tendendo à superficialidade (vida líquida) e à ausência de realização afetiva, emocional [5]?

Allan Kardec pontuou, na obra básica “A Gênese” [6], que a época atual é de transição em que uma geração antiga parte pelo desencarne para habitar novos mundos, e uma outra chega, pelas vias naturais da reencarnação. Nesta transição, as características das gerações se confundem, porém, a geração nova assinala, no mundo, seus caracteres, como se observa a seguir:

Cabendo-lhe fundar a era do progresso moral, a nova geração se distingue por inteligência e razão geralmente precoces, juntas ao sentimento inato do bem e a crenças espiritualistas, o que constitui sinal indubitável de certo grau de adiantamento anterior. Não se comporá exclusivamente de Espíritos eminentemente superiores, mas dos que, já tendo progredido, se acham predispostos a assimilar todas as ideias progressistas e aptos a secundar o movimento de regeneração.

Perceba-se que os Espíritos da Geração Nova não são necessariamente superiores, donde se infere que requisitam, por parte da família e da sociedade, uma orientação segura e capaz de proporcionar a “ativação” de suas predisposições, quais sejam as ideias de progresso que devem ser movimentadas, implementadas, bem como a tendência às crenças espiritualistas.

O que ocorre, contudo, se essa orientação segura não é atendida? O que se pode imaginar de uma criança ou de um jovem que ainda não atingiu uma maturidade moral superior, mas que crê instintivamente no mundo espiritual, na força do progresso tecnológico, na bondade humana, se essas crenças não lhes são desenvolvidas de modo a proporcionar-lhes equilíbrio e felicidade? O que acontece com suas mentes se, ao contrário, essas predisposições lhes são apresentadas apenas a partir de uma ótica deturpada como a da crença em seres malignos e poderes sobrenaturais, muito comuns em animes, séries e filmes? E se o progresso tecnológico for baseado apenas em competições fugazes, agressivas e viciosas, no universo de determinados jogos eletrônicos? Ou se os próprios familiares e grupos sociais escolares não praticam a bondade, mas sim o julgamento, a crítica e o *bullying*?

É evidente que as tendências da Geração Nova podem ser redirecionadas facilmente pelas propensões ao mal, típicas do planeta de provas e expiações, conforme se observa no Evangelho Segundo o Espiritismo [7]:

[...] As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso.

Evidentemente, o choque entre uma predisposição que tudo teria para alavancar o progresso moral pode tomar um outro rumo, gerando até mesmo situações contrárias à esperada, como um maior desencanto pela vida e consequentes ideias suicidas, sensação de aprisionamento interior, angústias, variados transtornos emocionais, necessitando não poucas vezes de apoio psicológico, psiquiátrico e tratamento espiritual de obsessões.

Note-se, assim, a importância da experiência da sala de aula da evangelização para os Espíritos da Geração Nova, com o estudo e reflexão de conteúdos da Doutrina Espírita, com dinâmicas de grupo, com o acolhimento da fala da criança e do jovem, com o envolvimento da família,

em programas de ensino, balizados por largo e variado trabalho pedagógico, com os cursos preparatórios de formação de evangelizadores.

Dito isto, torna-se importante que essa valorosa experiência, cada vez mais, possa inquirir a si mesma por meio de um questionamento aqui proposto: - como é possível que os ideais altruístas da evangelização alcancem mais e melhor a geração nova? Nesse sentido, veja-se a ideia do apóstolo Bezerra de Menezes, ainda no documento Orientação à Ação Evangelizadora [1], ao dirigir-se aos evangelizadores:

A Evangelização Espírita Infantojuvenil amplia-se como um sol benfazejo abençoando os campos ao alvorecer. O próprio serviço, sem palavras articuladas, mas à luz da experiência, falará conosco sobre quaisquer alterações que se façam necessárias, enquanto, no sustento da prece, estabeleceremos o conúbio de forças com o Alto, de modo a nos sentirmos amparados pelas inspirações do bem. De tempos em tempos ser-nos-á necessária uma pausa avaliativa para revermos a extensão e a qualidade dos serviços prestados e das tarefas realizadas. Somente assim podemos verificar o melhor rendimento de nossos propósitos.

É, pois, crível que a experiência com a geração nova revele uma diversidade de características que requeira uma ampliação de técnicas e métodos com vistas à aprendizagem.

Há os evangelizando que adoram ler, assim como os que não se afinizam com a experiência de uma leitura reflexiva. Identificam-se, nas salas de aula, os futuros filósofos, historiadores, sociólogos, e também os que rejeitam o pensar filosófico e preferem o universo dos números e das tecnologias. Existem os engajados, os participativos, bem como quem se recuse a participar de dinâmicas de grupo; há os que não se sentem à vontade para falar de si mesmos, e, junto a estes, uma feira de indiferentes, declaradamente frequentadores da evangelização “por imposição dos pais”.

Há, seguramente, os que descobrem que uma sala de aula de evangelização pode ser acolhedora, que evangelizadores podem ser amigos, que há modos divertidos de aprender um conteúdo e que não precisam se defender tanto dos colegas.

Para alcançar um maior número de disposições, constata-se, então, que a experimentação e o estudo de novas abordagens pode sempre ampliar o alcance.

A evangelização com arte surge, pois, como o algo a mais que se pode realizar pela geração nova, no sentido de ativar as suas predisposições espirituais, expandindo as possibilidades de aprendizado para a criança e para o jovem, em um esforço sincero pela melhoria de uma das mais importantes tarefas para o mundo moderno.

3 FUNDAMENTOS PARA UMA EVANGELIZAÇÃO COM ARTE

A aprendizagem do Espiritismo por meio da arte é uma hipótese que vem sendo refletida, escrita e experimentada ao longo do tempo. Existe uma vasta literatura doutrinária que pode ser consultada, tratando do tema, e que é bastante inspiradora, desde Allan Kardec, em A Revista Espírita e Obras Póstumas, passando pelos clássicos de Léon Denis - A Arte no Espiritismo e o Problema do Ser, do Destino e da Dor; também a obra psicografada por Chico Xavier, especialmente os relatos trazidos pelo Espírito André Luiz, bem como Emmanuel, na obra O Consolador.

Autores encarnados e desencarnados, trouxeram Atualidade do Pensamento Espírita, Dramaturgia Espírita, Memórias de um Suicida, Devassando o Invisível, Tormentos da Obsessão - que traz uma abordagem mais terapêutica da arte -, até os escritos brasileiros mais modernos como A

Educação Segundo o Espiritismo, de Dori Incontri, e as publicações da Associação Brasileira de Arte Espírita (Abrarte)¹.

Importante destacar a obra do pedagogo e evangelizador mineiro, Walter Oliveira Alves², desencarnado em 2018, que deixou diversos livros acerca do uso da arte na evangelização, constituindo-se em leituras obrigatórias para evangelizadores e dirigentes, que desejem aprofundar-se no contexto aqui tratado.

Kardec, a princípio, comentava, na Revista Espírita de dezembro de 1860 [8], quase que em um tom profético, como o Espiritismo tornar-se-ia um campo abundante e profícuo capaz de envolver a geração nova - caracterizada por ter menos preconceitos -, por meio da arte espírita – uma arte nova:

Quando dizemos que a arte espírita será um dia uma arte nova, queremos dizer que as ideias e as crenças espíritas darão, às produções do gênio, um cunho particular, como ocorreu com as ideias e as crenças cristãs, não que os assuntos cristãos jamais caiam em descrédito, longe disso, mas, quando um campo está respigado, o ceifeiro procura colher alhures, e colherá abundantemente no campo do Espiritismo. Já o fez, sem dúvida, mas não de um modo tão especial como o fará mais tarde, quando para isso será encorajado e excitado pelo assentimento geral; quando essas ideias estiverem popularizadas, o que não pode tardar, porque os cegos da geração atual desaparecem, cada dia, da cena pela força das coisas, e a geração nova terá menos preconceitos.

Imaginando que seja este o momento atual em que as ideias espíritas, pelo menos no Brasil, estão amplamente popularizadas, e que a geração nova seja esta que a evangelização espírita infantojuvenil vem recebendo em seus grupos, é possível também imaginar que essa nova geração necessite colher, efetivamente, no campo do Espiritismo, novas ideias, por meio de um modo especial - a arte espírita ou uma nova arte, manifesta de modos diversificados na dramaturgia, na pintura, na escultura, na música, etc.

Para refletir acerca dessa possibilidade, é preciso retirá-la do campo de sua aplicação puramente estética, que envolve ensaios técnicos e apresentações, ou do campo da preparação do artista espírita, que o situa como médium inspirado, para introduzir a arte no campo da educação ou da evangelização.

Ora, para situar a arte no campo da evangelização, é preciso responder a algumas questões básicas:

O que é, pois, evangelizar?

A fim de responder a tal questão de base, Walter Oliveira Alves, em Educação do Espírito – Introdução à Pedagogia Espírita [9], explica como a ação educativa pode ser determinante à evolução do Espírito:

¹ Livros publicados pela Abrarte: 1) A Arte no Centro Espírita. 2) Círculo de Estudos Arte e Espiritismo. 3) Dançando com a Alma. 4) Caderno de Artes Número 1. 5) Cadernos de Artes Número 2. Disponíveis para baixar gratuitamente em: <https://www.abrarte.org.br/livros-para-baixar>

² Nascido em 5 de dezembro de 1952, em Araras-SP, Walter tornou-se espírita em 1973 e desde então seguiu dedicando-se à evangelização. Conquistou seu diploma de Engenheiro para satisfazer a família, mas seu coração estava mesmo na Pedagogia, a partir da qual tornou-se professor de Psicologia da Educação, Filosofia e História da Educação e Didática. No movimento espírita, foi diretor do Instituto de Difusão Espírita – IDE - desde 1974. Escreveu várias obras sobre educação, especialmente voltadas para o trabalho de evangelização da infância e juventude. Foi um dos coordenadores do Grupo Internacional de Apoio à Evangelização Global (www.evangelizacaoglobal.net), além de haver coordenado pedagogicamente o CED - Centro Educacional à Distância. Dentre os livros de importância capital para a evangelização estão: A Educação do Espírito; Introdução ao Estudo da Pedagogia Espírita; Prática Pedagógica na Evangelização Volumes 1, 2 e 3; O Teatro na Educação do Espírito.

[...] Cada espírito, pois, renasce no meio mais propício ao seu desenvolvimento interior, com um programa de vida traçado no Mundo Espiritual. Isso não inclui a ação educativa em absolutamente nenhum caso. Por mais revel seja o Espírito, tenha ele renascido no antro mais profundo de inferioridade, abandonado pelos pais, nas piores condições, será ele o que mais necessitará da ação educativa, que fornecerá ao Espírito que reencarnou para evoluir, a energia e a força interior para vencer as provas necessárias ao seu aprimoramento.

Logo adiante, ao citar a ação educativa de Pestalozzi baseada no amor e na fé, Alves [8] acentua que: “*O educador sabe amar seu discípulo e ver nele o Espírito eterno, filho de Deus que renasceu para evoluir [...]*”.

Nestas assertivas, há duas ponderações importantes, sendo a primeira a que se refere à ação educativa como determinante para a evolução do Espírito e a segunda a que se refere ao educador que sabe ver o Espírito Eterno.

Ora, o educador que sabe ver e que considera, na sua ação de ensinar, o Espírito Imortal é aquele que pratica a educação do Espírito, e educação do Espírito é, precipuamente, o que se entende por evangelização.

Apresenta-se, assim, um questionamento primordial a ser feito, agora no âmbito da tarefa de evangelização, que é compreender como se dá a evolução dos Espíritos.

Para isso, propõe-se considerar dois pressupostos:

O primeiro está n’O Evangelho Segundo o Espiritismo [10], e diz respeito à necessidade da passagem dos Espíritos pela vida corporal, como se destaca a seguir:

[...] A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir, por meio de uma ação material, os desígnios cuja execução Deus lhes confia. É-lhes necessária, a bem deles, visto que a atividade que são obrigados a exercer lhes auxilia o desenvolvimento da inteligência.

O segundo pressuposto está em O Livro dos Espíritos [11], e diz respeito ao fato de que os Espíritos não degeneram ou não retrogradam. Sua evolução, ou educação, se dá de modo a estarem sempre avançando, mantendo-se com o conhecimento daquilo que aprenderam, como se lê no texto abaixo grifado:

118. Podem os Espíritos degenerar?

“Não; à medida que avançam, compreendem o que os distanciava da perfeição. **Concluindo uma prova, o Espírito fica com a ciência que daí lhe veio e não a esquece.** Pode permanecer estacionário, mas não retrograda.” (Grifo do autor)

Considerando tais premissas, é possível afirmar, numa perspectiva da evangelização espírita enquanto processo de educação do Espírito Imortal, que o que faz com que o Espírito evolua, ou aprenda é uma ação material, em outras palavras, é uma atividade (a vida corpórea), por meio da qual ele apreende um conhecimento para a eternidade.

Assim, uma vez que os Espíritos evoluem por meio da ação material, de um trabalho, supõe-se que a arte vem ao encontro de uma necessidade da criança e do jovem de atuar, de agir, a fim de que os sentidos se formem na consciência espiritual, por meio do corpo.

3.1 A ARTE NA AÇÃO EVANGELIZADORA

Vianna de Carvalho [12], por meio de Divaldo Pereira Franco, na obra Atualidade do Pensamento Espírita, explícita, na questão 144, que a destinação da arte no mundo é “[...]”

materializar a beleza invisível de todas as coisas, despertando a sensibilidade e aprofundando o senso de contemplação, promovendo o ser humano aos páramos da Espiritualidade”.

Para Leon Denis [13], no livro *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*, existem duas esferas de ação e expressão na alma humana: uma se manifesta pela personalidade ou “eu”, com características de mobilidade e insuficiência, e a outra esfera de expressão – a vida interior –, é a sede da consciência. É somente quando as ações são determinadas pela consciência, que se revelam as potências do Espírito, então, em todo seu “*brilho e beleza*”. Vale lembrar que, para Denis, as três grandes potências da alma são a inteligência, o sentimento e a vontade, mas o processo de ativação da inteligência e do sentimento só se dá pela vontade, como se observa na questão: “*Por que meio poremos em movimento as potências internas e as orientaremos para um ideal elevado? Pela Vontade*”. [13]

Uma homologia possível entre os dois autores é a de que todos os filhos de Deus trazem a inteligência e o sentimento como potências da alma para serem desenvolvidas pela vontade, dentro de um processo divino educativo, onde a ação do Espírito sobre a matéria faz com que o ser experimente desafios internos capazes de burilar a consciência na direção do despertar da sensibilidade, a ponto de traduzir-se em brilho e beleza.

Várias são as inferências possíveis para o evangelizador espírita – educador do Espírito Imortal. Uma delas é a de que, quando planeja sua aula, o evangelizador precisa entender que está planejando para um ser imortal que pensa, sente e age.

Se ele imaginar que está lidando apenas com um ser que pensa, sua aula pode tornar-se superficial. Ainda que com lindas concatenações de ideias, ele não terá chegado à consciência. Se imaginar que está se comunicando apenas com um ser que sente, sua aula corre o risco de confundir-se com um divã terapêutico, para o qual, talvez, não esteja preparado. E ainda, se imaginar que é somente para um ser que age, nada distinguirá esta aula de umas horas de prática esportiva.

Como, então, tocar a consciência para que a mesma se traduza em brilho e beleza? Ora, no processo de educação do Espírito [9] a partir da ativação das potências da alma [13], há uma lei universal agindo – uma lei que leva ao desenvolvimento de um senso estético. É o que se depreende, no trecho abaixo, de Leon Denis, desta vez em *O Espiritismo na Arte* [14]:

Em resumo, a lei eterna do Universo, o objetivo sublime da criação, é a fusão do bem com o belo. Esses dois princípios são inseparáveis, eles inspiram toda a obra divina e constituem a base essencial das harmonias do Cosmos. O pensamento e a intenção divinos sendo o bem, a manifestação deles é o belo...

A necessidade da arte, portanto, enquanto manifestação do belo que cria o bem, ou do bem que cria o belo, é um impositivo da evolução, um impositivo do próprio Deus, em sua lei natural. Ela está em tudo, inclusive nos corpos, por meio dos quais o Espírito age e aperfeiçoa a matéria, o que levanta, para nós, a suspeita de que o processo de educação do Espírito está diretamente ligado ao desenvolvimento do senso estético, do belo, por meio da arte.

Veja-se, então, algo notório. Quando se usa a música, por exemplo, na abertura de trabalhos, estudos, antes do passe ou de uma palestra, como preparação para uma prece, o ambiente torna-se vibratoriamente propício à assimilação do que virá a seguir. O mesmo se observa quando uma peça teatral, show musical, dança ou mostra de artes visuais introduzem o conteúdo de uma aula.

Quando os evangelizadores vão para as salas de aula após uma experiência de produção ou sensibilização artística, extraem dos evangelizados, com muita facilidade, o conteúdo que se deseja refletir, pois eles já riram, choraram, aplaudiram e se entusiasmaram com o que viram ou que produziram no palco. A ação está gravada na alma.

Isso quer dizer que a mente está preparada para alçar voos maiores, pois a arte tocou o sentimento e tornou a experiência de assimilação do conteúdo apreensível aos canais da memória espiritual. Em simples palavras, a lição desceu ao coração, fazendo um sentido maior.

Ainda Walter Alves [15], no artigo Arte e Evangelização, lembra a ideia de que *"A arte também é forte elemento de interação vertical, onde a alma interage com as energias espirituais que pupulam no Universo"*, sugerindo que arte é, portanto, um forte elemento de interação e sintonia com a espiritualidade e que essa interação pode criar elevação e sintonia com entidades superiores.

Emmanuel [16] traz uma proposição muito importante no livro O Consolador:

No além, é com o seu concurso [da arte] que se reformam os sentimentos mais impiedosos, predispondo entidades infelizes às experiências expiatórias e purificadoras, e é crescendo nos seus domínios de perfeição e beleza, que a alma evolve para Deus, enriquecendo-se mas dias sublimes maravilhas.

De modo que é através da arte que os sentimentos mais endurecidos amolecem e se reformulam. E outros até se curam. O Livro Memórias de um Suicida [17] traz o relato de que, na Cidade Espiritual Esperança, de tempos em tempos são trazidas apresentações artísticas de outras esferas mais elevadas, com o objetivo de fazer com que os Espíritos ali tratados sintam novamente a vontade de progredir, de melhorar e retornar às experiências expiatórias no planeta. Mais uma vez a arte ativando a vontade e as outras potências da alma.

4 EVANGELIZAÇÃO COM ARTE - A ARTE NA SALA DE AULA

É muito importante, a partir do exposto, que se ampliem as possibilidades para o despertar do senso estético superior, que gera harmonia no Espírito, dentro do ambiente onde se estabelece efetivamente o processo de ensino-aprendizagem, que é a sala de aula.

Para isso, é preciso saber se a arte pode ser a base metodológica da sala de aula, na evangelização de crianças e jovens, e mesmo bebês, adultos e, ainda, para aqueles que estão encarnados há mais tempo: os idosos.

A fim de chegarmos a essa possível abordagem, observe-se, ainda uma vez, a ideia trazida por Vianna de Carvalho, na obra Atualidade do Pensamento Espírita [12]. Diz Vianna:

“Cada Espírito vê e sente a Arte com as suas características e expressões evolutivas, porquanto, à medida que o ser progride, amplia a capacidade de perceber a beleza e senti-la nas suas várias expressões.”

Ora, se a percepção é variada, a oferta também deve ser, pois cada linguagem artística é uma forma diferente de entrar em comunicação com o mundo e com o outro, e atende a um interesse que é pessoal, único para o Espírito. Cada linguagem artística irá tocar de uma maneira distinta, pois os Espíritos estão em categorias perceptivas diferentes, como afirmou Vianna.

Assim, quanto maior puder ser a oferta de diferentes linguagens artísticas (artes visuais, teatro, cinema, dança, audiovisual, música, escultura, literatura, etc.), em diferentes salas, maior será a chance de ativar o talento intrínseco e o potencial trazido em cada Espírito.

Isso pode, a princípio, causar uma certa apreensão no que diz respeito ao preparo do evangelizador para atuar nesta sala de aula que utiliza a arte como principal ferramenta de ensino, gerando a falsa noção de que é necessário ser um artista com talentos multifacetários, ou um profissional da arte, para empreender este trabalho.

A noção é falsa porque decorre de um entendimento de que a arte é apenas a produção de uma obra criativa, imaginativa, que será expressa de um único modo e a qualquer tempo. Tentemos refazer essa concepção a partir do que diz Leon Tolstoi [18], quando propôs, já no fim da vida, uma revolução

estética, em seu livro *O que é Arte*: “*A Arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outro, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados desses sentimentos e também os experimentar*”

Esta perspectiva de Tolstói remonta ao processo da comunicação humana explicitado em Berlo [19] que, transposto para uma suposta metodologia de uma sala de evangelização espírita com arte, poderia sugerir o que se segue, que é até onde a reflexão ora ensejada chegará:

- d) A sala de evangelização com arte é um espaço de ativação das potências da alma pela troca de pensamentos, sentimentos e da vontade;
- e) Neste espaço, a intenção no bem e o pensamento no bem revelam uma mensagem a ser comunicada;
- f) Essa mensagem será comunicada de forma consciente, por meio de um canal ou um sinal exterior;
- g) Esse sinal exterior é uma linguagem artística;
- h) Essa linguagem é escolhida, por afinidade, pelo evangelizando, sob pena de não haver a ativação da vontade;
- i) O evangelizando é, a um só tempo, o receptor e o transmissor da mensagem, carregada de significado no Si Espiritual, ou consciência;
- j) O fruto, para o Espírito, é o desenvolvimento do senso estético que, segundo o Espiritismo, faz parte do processo de educação ou de evolução espiritual;
- k) O fruto, para os outros, também é a contaminação ou a ativação das potências da alma, a partir do contato com a mensagem, por meio da linguagem artística eleita.

Dito isto, outra questão crucial na metodologia desta sala de evangelização com arte, é aquela que envolve a necessidade da ação sobre a matéria, considerando que a matéria é o mundo das formas, das linhas, das densidades, pesos e volumes, o mundo dos corpos.

Não há, portanto, experiência artística ou produção de arte se não há manifestação, expressão ativa e palpável, ação material concreta que comunique os sentidos e desperte os sentimentos.

Para tanto, é plausível imaginar que uma sala de arte deva ser ambientada para estimular tal ação. Ou seja, quando o evangelizando adentrar no espaço, automaticamente ele já terá a percepção ativada no que tange à mensagem e à linguagem.

Isso também remete à hipótese de que o planejamento de uma aula para uma sala de evangelização com arte possivelmente deve considerar todos os aspectos abordados. Se for possível resumir, seria algo como:

- Escolha da linguagem artística da sala;
- Ambientação para a transmissão da mensagem;
- Ação concreta para apreensão da lição a ser sentida;
- Troca, vivência ou experimentação;
- Comunicação consciente do que foi vivenciado, de modo a ofertar a arte como o bem que cria o belo ou o belo (já desperto no íntimo) que cria o bom.

5 APRENDIZADOS

O trabalho na evangelização espírita infanto-juvenil é cheio de experiências e surpresas! As gerações se renovam, impelindo-nos ao avanço, à mudança, ajustes de percepção, à criação de novos repertórios, novos discursos e abordagens. Chegar ao coração de uma criança ou de um jovem, por meio do Espiritismo, num coletivo que se chama sala de aula, é um desafio e, ao mesmo tempo, uma

arte cheia de encanto e beleza. Este trabalho se propôs a fazer reflexões e foi exatamente o que ele me ensinou - a refletir sobre a imensidade do campo onde nós, trabalhadores e evangelizadores espíritas, estamos pisando. É um campo preparado e cuidado pelo Cristo para que possamos tão-somente jogar as sementes e, se nos for permitido, um dia vê-las frutificar.

Como reflexão pontual, a noção que mais permanecerá comigo é a já exposta quando abri um diálogo entre Viana de Carvalho [12] e Léon Denis [13], no sentido de que todos os filhos de Deus trazem a inteligência e o sentimento como potências da alma para serem desenvolvidas pela vontade, dentro de um processo divino educativo, onde a ação do Espírito sobre a matéria faz com que o ser experimente desafios internos capazes de burilar a consciência na direção do despertar da sensibilidade, a ponto de traduzir-se em brilho e beleza.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se reflete sobre o uso da arte na evangelização, de forma geral, chega-se a algumas conclusões aqui esboçadas como a que a arte eleva a vibração do ambiente; a arte permite sentir o Espiritismo pelos canais da intuição; possibilita uma interação superior com a espiritualidade; ativa as potências da alma e cria memórias inesquecíveis no Espírito, de momentos maravilhosos de fraternidade e alegria.

Mas este trabalho é restrito e se propôs apenas a refletir sobre a possibilidade de aprender Espiritismo, numa sala de aula de arte, com recursos artísticos, ou seja, a arte sendo a abordagem ou metodologia, o cerne do processo ensino-aprendizagem. Isso é possível?

A revisão literária trouxe algumas pistas positivas, demonstrando que a arte, na sala de aula da evangelização, permite a experimentação de linguagens variadas e amplia o leque de assimilação do conteúdo; possibilita vivenciar uma lição por meio de uma ação concreta, a fim de melhor assimilá-la, estimulando e direcionando o impulso criador do Espírito que, por vezes, está obscurecido pela violência e pelas energias de baixa autoestima.

Além disso, mostrou que a arte, em suas diversas modalidades, é um elemento muito importante que permite educar por meio de um processo naturalmente afeito ao Espírito, pois une o entendimento de uma lição realizada no mundo interior, através de uma manifestação artística escolhida pelo evangelizando, ou seja, é imperioso que ele eleja a sala de evangelização com arte com a qual mais se afiniza ou a que deseja experimentar.

A evangelização com arte atende aos eixos estruturantes propostos pela Orientação à Ação Evangelizadora, e também se coaduna com as características da geração nova, descritas por Allan Kardec. [1]

Como programa exequível, a Evangelização com Arte necessita ser testada por evangelizadores que abracem a proposta com dedicação e amor pelo fazer artístico educativo do Espírito Imortal, no sentido de que propomos o aprofundamento do tema “perfil do evangelizador de uma sala de arte” que, assim como qualquer outro evangelizador, deve ser alguém tocado pela sensibilidade estética, mas não necessita ser um artista profissional. Ele está plantando as sementes do bem no coração de jovens e crianças, adultos e idosos, a fim de que logrem desenvolver as potências de suas almas, que são o pensamento, o sentimento e a vontade, contribuindo para o aprimoramento do senso da beleza, no planeta Terra, que se constitui na nossa aproximação de Deus.

7 REFERÊNCIAS

[1] FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA. Conselho Federativo Nacional. *Orientação para a ação evangelizadora espírita da juventude: subsídios e diretrizes*. Brasília: FEB, 2016, p. 33.

- [2] _____. *Currículo para as escolas de evangelização espírita infanto-juvenil*. Rio de Janeiro: FEB, 2007.
- [3] _____. EADE ESTUDO APROFUNDADO DA DOCTRINA ESPÍRITA – Tomo Único Ciência Espírita. *Roteiro 9 – Espírito*. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/wp-content/uploads/2013/05/Roteiro-9-Espirito.pdf>. Acesso em: 07 Set 2023.
- [4] KAHNEMAN, D. *Rápido e Devagar: duas formas de pensar*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.
- [5] BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.
- [6] KARDEC, Allan. *A Gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 5.ed. Brasília: FEB, 2013, p. 370.
- [7] KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Cap. 3 – Mundos de Expiacões e Provas - Santo Agostinho. (Paris, 1862.). Brasília: FEB, 2013.
- [8] KARDEC, Allan. *Revista Espírita - Jornal de Estudos Psicológicos - ano terceiro:1860*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. Disponível em: <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/894/revista-espirita-jornal-de-estudos-psicologicos-1860/4916/dezembro/arte-paga-arte-crista-arte-espirita>. Acesso em: 07 Set 2023.
- [9] ALVES, Walter Oliveira. *Educação do Espírito. Introdução à Pedagogia Espírita*. Item Criança, Espírito em Evolução. Araras - SP: IDE, 2007.
- [10] KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. Disponível em: <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/887/o-evangelho-segundooespiritismo/2202/capitulo-iv-ninguem-podera-ver-o-reino-de-deus-se-nao-nascer-de-novo/instrucoes-dos-espiritos/necessidades-da-encarnacao/25>. Acesso em: 07 Set 2023.
- [11] KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Disponível em: <https://kardecpedia.com/roteiro-de-estudos/2/o-livrodos-espiritos/380/parte-segunda-do-mundo-espirita-ou-mundo-dos-espiritos/capitulo-i-dos-espiritos/progressao-dos-espiritos/118>. Acesso em: 07 Set 2023.
- [12] FRANCO, Divaldo Pereira. *Atualidade do Pensamento Espírita*. Pelo Espírito Viana de Carvalho. Ed. 11. São Paulo: LEAL, 2014.
- [13] DENIS, Leon. *O Problema do Ser, do Destino e da Dor*. Ed.11. Brasília: FEB, 2019. 3ª pt. As Potências da Alma, cap. 24.
- [14] DENIS, Leon. *O Espiritismo na Arte*. [parte III, senso artístico: constituição e evolução]. Rio de Janeiro: Arte e Cultura, 1990.
- [15] ALVES, Walter Oliveira. *Arte e Evangelização* (Artigo). Disponível em: <https://dancaespirita.wordpress.com/2010/03/23/arte-e-evangelizacao/>. Acesso em: 07 Set 2023.
- [16] XAVIER, Francisco Cândido. *O Consolador*. Pelo Espírito Emmanuel. Disponível em: <http://www.oconsolador.com.br/linkfixo/bibliotecavirtual/chicoxavier/oconsolador.pdf>. Acesso em: 07 Set 2023.
- [17] PEREIRA, Yvone do Amaral. *Memórias de um Suicida*. Disponível em: http://www.feluzecaridade.net/download/Memorias_de_um_Suicida.pdf. Acesso em: 07 Set 2023.
- [18] TOLSTOI, Leon. *O que é Arte?*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

[19] BERLO, David K. *O Processo da Comunicação – Introdução à Teoria e à Prática*. Martins Fontes: 1979.